

## **Karl Marx e Friedrich Engels para professores de História**

Itamar Freitas

---

### **Resumo**

Este artigo discute o que os professores de História conhecem convencionalmente e o que deveriam conhecer a respeito das proposições de Karl Marx e de Friedrich Engels. Seu objetivo é instrumentalizar esses profissionais em seu fazer cotidiano, no que diz respeito aos domínios da ciência da história e dos conteúdos substantivos da história humana que são prescritos como aprendizagens fundamentais em ambiente escolar. Ele está estruturado na apresentação de comentadores e/ou tradutores de Marx e Engels que escreveram para historiadores, que produziram a partir de certa Filosofia ou de certa Sociologia, como também de intelectuais que falam do interior dos domínios históricos e que se assumem como historiadores de ofício e/ou de formação inicial.

**Palavras-Chave:** Karl Marx. Friedrich Engels. Professores de História. Ensino de História.

## **Karl Marx and Friedrich Engels for History teachers**

---

### **Abstract**

This article discusses what history teachers conventionally know and what they should know about the propositions of Karl Marx and Friedrich Engels. Its objective is to instrumentalize these professionals in their daily basis, with regard to the domains of the science of history and the substantive contents of human history that are prescribed as fundamental learning in the school environment. It is structured in the presentation

of commentators and/or translators of Marx and Engels who wrote for historians, who produced from a certain Philosophy or a certain Sociology, as well as intellectuals who talk from within the historical domains and who assume themselves as historians of craft and/or initial training.

**Keywords:** Karl Marx. Friedrich Engels. History Teachers. History Teaching.

---

### Texto integral

---

Uma lenda urbana declara que a maioria dos professores de História são de esquerda e marxista: será mesmo? O que os professores de História conhecem das proposições que esses intelectuais alemães produziram a respeito “de” ciência da História e “da” História substantiva dos humanos? Aliás, o que os professores entendem por “método dialético” aplicável ao ensino de História? O que leram e como leram sobre Marx e Engels no curso de licenciatura? Aqui, em três tópicos, vamos nos debruçar sobre essas e outras interrogações de maneira propositiva, tratando da contribuição de K. Marx e F. Engels<sup>1</sup> para a formação da docência em História.

Na primeira parte, apresentamos alguns comentadores e/ou tradutores de Marx e Engels que escreveram para historiadores, mas que leram a obra de Marx e Engels sobre o ponto de vista de certa Filosofia ou de certa Sociologia. Na segunda, fazemos o mesmo exercício, incluindo apenas comentadores que falam do interior dos domínios históricos e que se assumem como historiadores de ofício e/ou de formação inicial.

Esses dois grupos de textos circulam em cursos de Teoria da História e foram transformados em propedêuticas pelo uso que os professores e alunos fazem deles. Aqui, ambos recebem o mesmo tratamento. Mas a nossa escolha foi circunstancial. São os textos propedêuticos que temos utilizado de formas diversas em cursos que ministramos e que nos apropriamos de formas diversas em estudos e escritos. De cada

---

<sup>1</sup> Todas as referências são à dupla de autores, pois entendemos como alguns de seus biógrafos (HUNT, 2010; GABRIEL, 2013) que mesmo as publicações que são referenciadas de autoria única de Marx ou de Engels, após o estabelecimento do trabalho conjunto, eles se influenciam mutuamente e fornecem subsídios para formulação dos estudos seja por meio de argumentos ou informações.

um dos textos, quando possível, exploramos os interesses dos comentadores, os modos como situam teoria da História de Marx e Engels entre os concorrentes e antecedentes desses filósofos alemães. Também exploramos semelhanças e diferenças em termos de perguntas e respostas, entre os comentadores externos aos domínios históricos e entre os comentadores que pertencem aos domínios históricos.

Essas semelhanças e diferenças podem guiá-lo em seu percurso de leitura, adaptando uma ou mesclando várias das nove estratégias aqui descritas. Daremos como cumprida a meta se, ao final, vocês conseguirem esboçar os seus próprios percursos a partir das demandas na docência em História. Como estímulo e orientação, também apresentamos o nosso próprio percurso e oferecemos a nossa versão sobre a contribuição de Marx e de Engels para a formação inicial e continuada no Ensino de História.

### **Marx e Engels entre profissionais da Filosofia e da Sociologia**

Acompanhem esses exemplos de grande circulação entre nós, tipificados por área de atuação dos comentadores e/ou tradutores de Marx e Engels. Começamos com os que ofereceram teses de Marx e Engels aos historiadores, sob o ponto de vista da Filosofia e da Sociologia: Florestan Fernandes (1989), Patrick Gardner (2008), Francisco Rüdiger (1991) e Leandro Konder (2010).

Gardner, Rüdiger e Konder são filósofos que abordam cada um à sua maneira a obra de Marx e de Engels. Gardner trata a teoria como um domínio cindido entre a Filosofia especulativa da História (que investiga o sentido do processo) e a Epistemologia/Metodologia da História (que investiga procedimentos e categorias de investigação e escrita). (GARDNER, 2008, p.9). Gardner situa Marx no primeiro ramo, predominantemente em oposição à especulação hegeliana sobre a história.

Os instrumentos escolhidos para caracterizar a especulação de Marx sobre o sentido da história (“desenvolvimento” por meio de “leis dialéticas” e necessários “estádios” e o objetivo atribuído a esse processo – a revolução) são o conceito de

“materialismo histórico” e a tese da “inevitável vitória do proletariado.” (GARDNER, 2008, p.55, p.63).

O ramo esquecido por Gardner é explorado por Francisco Rüdiger. Ele aborda a teoria da História na condição de epistemólogo da ciência da História. Sua intenção é expor didaticamente os “paradigmas” que “fundamentam os métodos de estudo e os procedimentos de pesquisa” utilizados pelos historiadores. Nessa rubrica, os textos de Marx compõem um “paradigma” fundador da “ciência da história” que concorre com outro paradigma fundador estabelecido, Max Weber. O paradigma de Marx e Engels supera e incorpora, em parte, duas “matrizes fundamentais” do século XIX: historicismo e o positivismo.

O paradigma fundador é tratado sob dois momentos das carreiras de Marx e Engels. No primeiro,<sup>2</sup> Marx e Engels combinam princípios do historicismo (considerar a historicidade) e do positivismo (extrair leis da mudança social). Dessa articulação emergem as ideias de “processo histórico” (“acumulação de trabalho e transformação da natureza”), ciência da História (“ciência positiva”) e “método” (a substância é o concreto e a função do historiador é compreender e intervir). No segundo momento de Marx e Engels<sup>3</sup> o positivismo predomina, sobretudo na compreensão do processo (“histórico natural, regido por leis econômicas de cunho necessário”), que se reproduz na concepção de método histórico (busca das leis desse processo). (RÜDIGER, 1991, p.59-62).

A síntese de Leandro Konder<sup>4</sup> aborda Marx e Engels como produtores de “uma concepção de humano e uma concepção da história”. A exemplo de Gardner, Konder situa Marx e Engels como antagonista de Hegel e dos hegelianos de [esquerda ou direita?] no que diz respeito à “concepção de história”.

---

<sup>2</sup> É o Marx de *A ideologia alemã* (1845). (RÜDIGER, 1991, p.59).

<sup>3</sup> É o Marx de *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859).

<sup>4</sup> Os livros diretamente relacionados por Konder à “concepção da história” de Marx são: *A sagrada família, A ideologia alemã*, para a produção da ideia, e *As lutas de classes na França de 1848 e 1850 e O 18 do brumário de Luís Bonaparte*, para a “aplicação ao tempo presente.” (KONDER, 2010, p.179).

Apesar de escrever para uma coletânea dirigida aos historiadores profissionais e referir-se à “história” em Marx como “história social” ou o “exame aprofundado da transformação estrutural das sociedades”, Konder prioriza aquilo que Gardner designou de Filosofia especulativa da História. Assim, concebe a “história” de Marx e Engels como “processo de modificações nas condições de trabalho dos seres humanos”. (KONDER, 2010, p.177). Em outra passagem, Konder refere-se à “concepção da história elaborada por Marx e Engels” como um modelo interpretativo. Aplicado ao presente de Marx e Engels, o modelo teria gerado *As lutas de classes na França de 1848 a 1850* e *O 18 do brumário de Luís Bonaparte*. (KONDER, 2010, p.179).

Florestan Fernandes, por fim, é o nosso exemplo de sociólogo que, do mesmo modo que Konder, Rüdiger e Gardner, escreve para historiadores. Mas escreve também para os cientistas sociais. Sugerindo uma identidade para o historiador marxista, ele ironiza o trabalho dos historiadores “profissionais” dos anos 1980, que se aferram à especialização e resistem à investigação das questões sociais do seu tempo. Fernandes estuda a “história” em Marx e Engels sob as expressões “ciência da História”, “ciências sociais”, “ciência de síntese” ou “ciência magna entre as ciências sociais.” Essas ambiguidades, extraídas de Marx, são replicadas por Fernandes na apresentação dos significados de sujeito/motor da história (a luta de classes), de “pesquisa histórica” (busca da causalidade econômica), “teoria da história” ou lógica do processo histórico (sucessão dos modos de produção) e de “método” para uma “ciência social da história” (FERNANDES, p., 1989, p.137, p.140). a serviço, por exemplo, das lutas enfrentadas pelo operariado. (FERNANDES, 1989, p.14-16).

Temos, então, quatro especialistas em Marx e Engels e diferentes modos de abordar as teses de Marx e Engels sobre História. As questões predominantes são: (1) Em que consiste o processo histórico? (2) Que tipo de ciência é a História? e (3) O que significa método (histórico) em Marx e Engels?

**Quadro 1 Quatro roteiros de leitura sobre processo histórico, ciência histórica e método histórico em obras de Karl Marx e Friedrich Engels**

Autor	Processo	Método e/ou Ciência Histórica
Gardner (2008)	<i>A sagrada família ...</i> (leis) <i>Manuscritos ...</i> (leis) <i>Manifesto do Partido...</i> (revolução)	
Rüdiger (1991)	<i>A ideologia alemã...</i> (historicista) <i>Contribuição à crítica...</i> (positivista)	<i>A ideologia alemã</i> (historicista) <i>Contribuição...</i> (positivista)
Konder (2010)	<i>Contribuição à crítica...</i>	<i>As lutas de classe na França...</i> <i>O 18 do brumário...</i>
Fernandes (1989)	<i>A origem da família...</i> <i>Fundamentos da crítica...</i> <i>Manifesto do Partido Comunista</i> <i>O Capital</i> (acumulação) <i>O Capital</i> (exército de reserva) ...	<i>Do socialismo utópico...</i> <i>Contribuição à crítica...</i> <i>O Capital</i> (v.1) <i>Cartas de Marx...</i> <i>Ludwig Fueuerbach...</i> ...

Produzido pelo autor a partir das referências listadas na primeira coluna deste quadro.

Pela descrição acima e sua respectiva representação no quadro 1, podemos constatar que, no grupo, os interesses em termos de objeto são desiguais, já que Konder e Fernandes exploram processo e método, Rüdiger explora episteme e método e Gardner explora o processo. Mesmo quando tratam de matéria idêntica, as teses de Gardner, Konder e Florestan sobre o processo diferem, assim como diferem as teses de Rüdiger, Konder e Fernandes sobre método. Konder e Florestan veem processo como mudança nas condições de existência. A ênfase e/ou a primazia dos conceitos, contudo, é desigual. Enquanto Konder enfatiza a ideia de “trabalho”, Florestan enfatiza a sucessão dos modos de produção. Gardner e Rüdiger respondem à questão do processo em movimentos distintos. Gardner secciona o processo em desenvolvimento (leis/estágios) e fins (revolução), enquanto Rüdiger apresenta o processo em suas versões historicista (o trabalho transformando a natureza) e positivista (o trabalho transformando a natureza, mas regido por leis necessárias).

As questões “que tipo de ciência é a história” e “o que significa o método na teoria de Marx e Engels” estão relacionadas. Autores podem ter escrito “método” para significar “ciência” e/ou “ciência da história” ou o inverso. Os olhares, contudo, nos induzem à resposta centrada na metodologia, como fez Fernandes (interpretar, intervindo para a mudança social), e à resposta centrada na epistemologia, como fez Rüdiger: para o tempo historicista, uma ciência de compreensão; para o tempo positivista, uma ciência de explicação por leis necessárias.

### **Marx e Engels entre profissionais da História**

Vimos as variações sobre as representações de teoria da História em Marx e Engels entre três filósofos e um sociólogo. Vejamos, agora, o que os historiadores de ofício e os historiadores por formação inicial nos dizem ao discutir “teoria da História” nos textos dos dois filósofos alemães. Marx e Engels são tratados em livros de teoria de tipo vario: histórias da historiografia por autores, escolas, paradigmas; antologias sobre textos de Marx e Engels, acompanhados por comentários biobibliográficos; obras coletivas que reúnem comentários de síntese de determinado grupo de autores, em geral, obedecendo a cronologia dos nascimentos dos autores ou das dos respectivos textos; obras individuais de teoria da História, do tipo coletânea, que reservam um ou outro capítulo para a teoria da História de Marx e/ou de Engels; e, por fim, livros-tese intitulados “teoria da história” que exploram questões específicas como o contrato de objetividade da obra histórica.

Marx e Engels, contudo, não são unanimidades quando o objeto é “teoria da História.” Coletâneas como a *História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX* (2010) e *A constituição da História como ciência*: de Ranke a Braudel (2013) não incluem textos ou comentadores seus. Isso se deve, entre outras razões, aos concorrentes modelos identitários de “historiador” e “historiador profissional” que circulam entre nós.

Os textos que incluem os referidos intelectuais, em geral, tentam responder três interrogações: “Marx e Engels eram historiadores, filósofos ou sociólogos?” “Marx e Engels produziram historiografia?” “A lógica ou o sentido do processo histórico é uma questão importante para o historiador profissional?” Vejamos, por comparação, as posições de alguns dos seus comentadores autorizados. Os textos que trabalharemos foram produzidos por sete comentadores que divulgam a obra de Marx e Engels em seus livros propedêuticos de Teoria da História: três brasileiros – Marly Viana, Ramón Castro e José D’Assunção Barros – e quatro estrangeiros – Eric Hobsbawm, Michel Vovelle, Josep Fontana e Mary Fulbrook.

Marly Vianna e Ramón Castro<sup>5</sup> exploram “história” em Marx como um conceito-chave.<sup>6</sup> A concepção de história está no “materialismo-histórico.” Os comentadores não veem história como “filosofia da história”: “Marx e Engels não trabalharam com generalidades sobre o homem e a natureza [...] Seus conceitos, baseados no real-histórico, são um modelo [...] para a busca das leis de seu desenvolvimento interno [das sociedades] e daquelas que marcam a transição de um modelo a outro.”

O conceito “história” é significado como o “modo de produção da vida material [que] condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral”<sup>7</sup> e a exemplificação está na seguinte proposição: “os homens fazem sua própria história, mas não o fazem como querem.”<sup>8</sup> Assim, ainda segundo Vianna e Castro, Marx e Engels contribuíram com o “método da economia política” para as “ciências humanas” e para a “História.” (VIANNA; CASTRO, 2013, p.131). Esse método está na Introdução à *Contribuição à crítica da economia política*, onde eles reprovam as estratégias interpretativas de Hegel e dos economistas clássicos<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> O significado de “história” é extraído do Prefácio à *Contribuição à crítica da economia política* e de *O 18 do brumário de Luiz Bonaparte*.

<sup>6</sup> Além de práxis, ideologia, revolução, Internacional, proletariado, economia e método.

<sup>7</sup> Prefácio à contribuição à crítica da economia política.

<sup>8</sup> *O 18 do Brumário de Luiz Bonaparte*. (VIANNA; CASTRO, 2013, p.119-120).

<sup>9</sup> Os axiomas que podem auxiliar aos historiadores são: “Do mesmo modo que a anatomia do homem é a chave para a compreensão da anatomia do macaco [...] a economia burguesa nos dá a chave para a economia antiga...”; examinar a produção predominante (o capital), examinar a propriedade da terra, examinar as

Outro brasileiro que inclui Marx e Engels em seu trabalho propedêutico é José D'Assunção Barros. Ele afirma que a contribuição maior de Marx e Engels para a Teoria da História está no “materialismo histórico”, concebido como “paradigma historiográfico” ou “teoria da história.” O materialismo histórico é empregado na “compreensão da história” e na “elaboração do conhecimento historiográfico.” Adiante ele reforça: é “uma forma de entender a história e de fazer a História.” (BARROS, [2011] 2013, p. 16-18). Esse materialismo histórico é configurado como um corpo de conceitos, cujo núcleo são as ideias de “dialética”, “historicidade” e “modo de produção.”<sup>10</sup> Eles fazem a diferença de Marx e Engels em relação ao concorrente “paradigma da descontinuidade” (de Friedrich Nietzsche) e aos paradigmas antecedentes: o “positivista” (Louis Bourdeau, Paul Lacombe, Wilhelm Bauer e Louis Halphen, Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos) e o “historicista” (Barthold Georg Niebuhr, Leopold von Ranke, Johann Gustav Droysen e Wilhelm Dilthey). (BARROS, [2011] 2014, p.102-103, p.136-138).

Dos autores estrangeiros, o Michel Vovelle<sup>11</sup> é nosso velho conhecido dos anos 1990. Ele cita Marx e Engels como escritores de história (ainda que da “história imediata”),<sup>12</sup> mas enfatizam o Marx e o Engels que recusaram a Filosofia especulativa pela História<sup>13</sup> e tentaram criar “uma ciência do homem como sujeito da História. (VOVELLE, [2003] 2011, p.51). São os mesmos Marx e Engels que estabeleceram uma explicação para a “dinâmica histórica” e a destruição do sistema capitalista, mediante as “leis do seu desenvolvimento: leis de diminuição da taxa de lucro médio, gerando a concentração capitalista, e conseqüentemente a pauperização e as crises.”<sup>14</sup> Essa “noção-

---

relações recíprocas entre a produção predominante e a propriedade da terra. (VIANNA; CASTRO, 2013, p.133).

<sup>10</sup> Os três conceitos estão sintetizados na *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859). A dialética está n' *O Manifesto Comunista* e em *A ideologia alemã*. O modo de produção está em *A ideologia alemã* e no prefácio de *Contribuição para a crítica da Economia Política* (1859). Barros não cita Marx ou Engels na apresentação do conceito de historicidade.

<sup>11</sup> *O Capital e Crítica à economia política*.

<sup>12</sup> *A luta de classes na França e O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*.

<sup>13</sup> Sentido ambíguo de ciência/processo. (VOVELLE, [2003] 2011, p.45).

<sup>14</sup> Livro 3 de *O Capital*.

chave” está também na *Crítica à economia política*.<sup>15</sup> O que influencia os historiadores franceses, para Vovelle, é o “método de análise unindo Economia e História.” (VOVELLE, [2003] 2011, p.60).

Mary Fulbrook se ocupa da relação entre “multiplicidade de abordagens teóricas concorrentes ou ‘paradigmas’ da investigação histórica” e “objetividade.” Ela não nos oferece os títulos nos quais se baseia. Mas é importante, tanto como o primeiro texto de Hobsbawm (veremos adiante), porque compara Marx e Engels e Ranke. São autores antitéticos situados no início da “cientificização” (universitária) da História. Fulbrook afirma que a teoria da história de Marx e Engels versa sobre: substância (produção), processo (que é também uma metafísica – o progresso em direção a um fim ou a emancipação humana), um método científico naturalista (a busca das leis sociais e econômicas que explicariam esse processo) e uma função historiadora que não é apenas interpretar o passado com fim em si mesmo: interpretar é mudar as coisas. (FULBROOK, 2002, p.13-14).

Marx e Engels de Eric Hobsbawm (1968) são os teóricos que apresentam uma “abordagem” ou um “modelo” alternativo de “investigar o passado humano.” (HOBSBAWM, 2005, p.157). Esse modelo, “o materialismo histórico”, era alternativo a outros cinco construtos teóricos: à historiografia política e factual de Ranke; à historiografia dos fatos sociais como fatos naturais que se espelhasse no Positivismo; ao evolucionismo darwinista, que submetia o “progresso” à “evolução” natural acidental; ao marxismo vulgar, defensor do determinismo econômico, do mecanicismo base/superestrutura e das leis necessárias; e ao estruturalismo que não toma a mudança social como problema. Marx e Engels de Hobsbawm são também os que compreendem o “desenvolvimento histórico” como interação dos fenômenos sociais com os fenômenos econômicos. A mudança social<sup>16</sup> é explicada por um modelo estruturado em dois elementos: (1) “níveis” hierarquizados – “relações sociais de produção e

---

<sup>15</sup> “Não é a consciência dos homens que determina seu ser, é, ao contrário, seu ser social que determina sua consciência”. (VOVELLE, [2003] 2011, p.54).

<sup>16</sup> Diferenciação de “grupos humanos” ou da “transformação de um tipo de sociedade em outro”.

reprodução” e “forças materiais de produção” –, que oferecem uma “direção” à história; e (2) “contradições internas”, fornecedoras do “mecanismo para a mudança que se torna desenvolvimento.” (HOBSBAWM, [1997] 2005, p.162-167).

Em texto produzido no ano 1983, Hobsbawm replica a contribuição de Marx e Engels aos historiadores: eles criaram a “teoria geral” ou a “concepção materialista da história.” Essa teoria está sintetizada em uma frase de *A ideologia alemã*: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.” Para Hobsbawm, o materialismo histórico não é “história” (uma narrativa sobre o passado humano), mas uma guia para a história, um programa de pesquisa (HOBSBAWM, 2005, p.174-175). exposto de modo completo no Prefácio de 1859 do livro *Para a crítica da Economia Política*. Assim, a sua aplicação ao estudo de qualquer sociedade deve ser iniciada pela análise “do seu modo de produção” (modo como transforma a natureza pelo trabalho e modo como se organiza socialmente) e, em seguida, pela análise das necessárias e progressivas contradições (das “forças produtivas materiais da sociedade”, com as “relações produtivas existentes e suas expressões superestruturais”). (HOBSBAWM, 2005, p.177).

Nosso último comentador é Josep Fontana. Ele se ocupa da construção do “materialismo histórico” como um “método de análise da realidade” (Marx e Engels) e a sua transformação em “doutrina científica”, nomológica e economicista (Paul Lafarge, Karl Kautsky Georgi Plekhanov). (FONTANA, 2004, p.219). Assim, para conhecer o “materialismo histórico” mais próximo de uma ferramenta (inacabada) de orientação para a pesquisa histórica e para a análise de conjuntura, ele nos remete à tese de que “a vida social é essencialmente prática”<sup>17</sup>, ao conceito de “modos de produção”<sup>18</sup> e à proposição de que a história é luta de classes<sup>19</sup>. A aplicação do materialismo histórico, da mesma forma, está em *As lutas de classe na França de 1848 a 1850* (1850), no *18 do brumário de Louis Bonaparte* (1852) e em *A guerra dos camponeses na Alemanha*

---

<sup>17</sup> *Teses sobre Feuerbach* (1845) – “toda a vida social é essencialmente prática”. (FONTANA, 2005, p.201).

<sup>18</sup> *A ideologia alemã* (1845/1846).

<sup>19</sup> *Manifesto Comunista* (1848).

(1850)<sup>20</sup>, embora a “pesquisa histórica” não possua, nessas obras, o “rigor empírico” enfatizado em *A ideologia alemã*. (FONTANA, 2004, p.207). Idêntica insuficiência está bem representada em um texto tornado canônico: Prefácio da *Contribuição à crítica da economia política*. Aí, Marx e Engels se aproximaram do que mais criticavam: o esquematismo “filosófico.” (FONTANA, 2004, p.207).

**Quadro 2 Cinco roteiros de leitura sobre processo histórico, ciência histórica e método histórico em obras de Karl Marx e Friedrich Engels**

<b>Autor</b>	<b>Processo</b>	<b>Método e/ou Ciência Histórica</b>
Vianna/Castro (2010)	Prefácio à <i>Contribuição à crítica...</i>	Introdução à <i>Contribuição...</i>
	<i>O 18 do brumário...</i>	<i>O Capital...</i>
Vovelle (2010)	<i>O Capital</i> (livro 3)	<i>O Capital</i> (livro 3)
	<i>Crítica à Economia Política...</i>	<i>Crítica à Economia Política</i>
Barros (2013)	<i>Contribuição à Crítica</i> (MP)	<i>Contribuição à Crítica</i> (MP)
	<i>A ideologia alemã</i> (MP)	<i>A ideologia alemã</i> (MP)
	<i>Manifesto do Partodo...</i> (dialética)	<i>Manifesto do Partodo...</i> (dialética)
	<i>A ideologia alemã</i> (dialética)	<i>A ideologia alemã</i> (dialética)
	<i>Manifesto</i> (dialética/historicidade/MP)	<i>Manifesto</i> (dialética/historicidade/MP)
Fulbrook (2002)	[Fim-progresso/emancipação humana]	[Busca das leis explic. do progresso]
	[Substância-produção]	
Hobsbawm (2005a)	[Direção-Rel. Soc. Prod. Reprod.]	[Direção-Rel. Soc. Prod. Reprod.]
	[Mecanismo-contradições internas]	[Mecanismo-contradições internas]
	<i>Grundrisse</i> (1857/1858)	<i>Grundrisse</i> (1857/1858)
Hobsbawm (2005b)	[Fim-triunfo do socialismo]	<i>A ideologia...</i> (MP e contradição)
		Prefácio de <i>Para...</i> (MP e contradição)
Fontana (2004)	[Prefácio da <i>Contribuição à crítica...</i> ]	<i>Teses sobre Feuerbach...</i> (ser social)
		<i>A ideologia alemã...</i> (MP)
		<i>Manifesto...</i> (história/lutas de classe)
		<i>Grundrisse</i>
		<i>As lutas de classe na França...</i>
		<i>18 do brumário...</i>
		<i>A guerra dos camponeses...</i>

Produzido pelo autor a partir das referências listadas na primeira coluna deste quadro.

Ao fim deste segundo segmento, podemos constatar que os comentadores historiadores de ofício ou por formação inicial também se diferenciam quando as

<sup>20</sup> Escrito por Engels.

questões são a natureza do processo e o estatuto epistemológico da ciência da História. Essa diferença se refletiu, principalmente, nas suas escolhas de leitura, como explicitamos no quadro 2. Todos enfocam a história ou a Teoria da História em Marx e Engels como um modelo interpretativo. Todos demarcam as diferenças entre a especulação puramente conceitual, ao modo hegeliano, e a especulação empírica, de caráter socioeconômico, ao modo marxista.

Fulbrook não faz separação radical entre criar o passado e criar um modelo de interpretar o passado. Por essa razão, situa Ranke e Marx e Engels no mesmo patamar, diferenciando-os pela natureza da substância do processo histórico de cada um. Vianna e Castro, ao contrário, enfatizam o caráter não metafísico da teoria de Marx e Engels. Barros vai em direção oposta aos três quando afirma que o materialismo histórico é, simultaneamente, uma forma de “entender a história e de fazer história”. (BARROS, [2011] 2013, p. 16-18).

Os demais comentadores enfatizaram esse “fazer história” (com o significado de escrever história). Aí também divergiram. Vovelle parece reforçar o caráter economicista que teria influenciado os historiadores franceses, enquanto Hobsbawm e Fontana se esforçam para separar o bom modelo de análise social (modos de produção e contradição), aberto à historicidade de cada formação social, do esquema cientificista que tenta encaixar qualquer formação social ao suposto modelo analítico, instrumentalizado por leis e capaz de previsão.

Efetuada esta breve revisão dos interesses, da seleção de textos e dos modos de ler Marx e Engels, nos resta refletir sobre a contribuição dessa pluralidade de interpretações e construir alguns percursos de leitura para a formação dos professores de História.

### **Por que os professores de História devem ler Karl Marx e Friedrich Engels?**

Os usos dos textos de Marx e Engels – a exemplo dos usos de quaisquer teóricos que se debruçam sobre a lógica e a substância do processo histórico – dependem diretamente das finalidades e métodos de compreensão professados por seu usuário para o componente curricular história na educação básica que são, é necessário repetir, inerentemente ideológicos. Em termos de finalidade disciplinar, não há grade dificuldade para o emprego de proposições marxistas. Se concordamos que o principal objetivo do ensino-aprendizagem de História é tomar os recortes espaço-temporais como meio de compreender a nossa e as outras sociedades, todo docente de História pode se apropriar de instrumentos que as obras escritas por Marx e Engels podem no proporcionam.

Outra formulação deste objetivo seria “ler o tempo”. Além de compreender o mundo por meio das línguas materna e estrangeiras modernas, da arte, da linguagem matemática, por meio dos aportes da física, biologia, química, as gerações que estão se formando na educação básica devem ter o direito de compreender a relação tempo-espaço como chave explicativa das formas de sentir, pensar e agir humanas. Se assim entendemos, repetimos, a função social do Ensino de História no contexto da escola pública brasileira, as obras da dupla de filósofos em questão nos fornecem procedimentos, práticas de construção de conhecimentos que podem ser trabalhados com os nossos alunos da Educação Básica. Estes instrumentos se espraiam por todas as suas obras. Listemos o que consideramos mais significativo dessas ferramentas e que caracterizariam seus estudos, mas compreendamos que tudo isto está interligado em uma parceria intelectual das mais significativas e que durou trinta e nove anos.

Atentem, em primeiro lugar, para o fato de que Marx e Engels produziram seus escritos a partir de um princípio: para conhecer as formas de agir, pensar e sentir humanos é necessário entender o que eles chamaram a “base material da existência”. Na publicação *Contribuição para a Crítica da Economia Política (1859)*, eles afirmam que “[...] não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”. Portanto, para conhecer e

compreender qualquer sociedade se faz necessário partir do conhecimento sobre como se produz a sobrevivência daquela comunidade. Tal sobrevivência deve ser entendida simultaneamente como produção material da existência e, conseqüentemente, formas de apropriação dos bens. Compreendemos que dada a necessidade cada vez maior de renovar a escola como um espaço de construção de conhecimentos, partir da observação dos fenômenos no entorno em que os estudantes vivem pode ser um meio potente para que os aprendentes atribuam por si mesmos algum significado acerca da cultura escolar. A observação do ambiente circundante (real ou por meio das informações que nos chegam) e a reflexão sobre como este ambiente nos afeta, como orientam as nossas relações com as pessoas, nossa organização e todas as agências da vida em sociedade, faz com que transformemos a sala de aula em um espaço de pesquisa e construção de conhecimento novo para os estudantes, planejado seus objetivos pelo docente.

Este princípio está no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), escrito por Engels, aos 24 anos, e lido com encantamento por Marx. Ambos não se conheciam, mas desde essa época a observação das mudanças instigava estes pensadores a refletirem sobre os acontecimentos na vida social e a apontar o que das sociedades anteriores aparecia como melhoria e como piora. Assim, as diversas experiências, sobretudo, dos países europeus e, em particular, da Alemanha, França e Inglaterra, eram motivos permanentes de observação e construção de conhecimento.

A partir dessa história em acontecimento, Marx e Engels propunham que os intelectuais deveriam pensar e atuar como cidadãos e estudiosos. Considerando que, em geral, o papel da educação básica é formar cidadãos-protagonistas, ao empregarmos o princípio acima, estaremos formando pessoas habilitadas a se posicionarem de modo bem informado e sedimentadas em análise sobre fatos.

Um terceiro argumento sobre a viabilidade do emprego de proposições de Marx e Engels no Ensino de História diz respeito a um meio de interpretação da mudança. Ele é designado por “dialética” e pode ser explicitado da seguinte declaração: a

compreensão do novo se forma a partir de experiências já vividas, mas que se tornam inadequadas para as sociedades e que em diálogo – nem sempre tranquilo – com propostas de mudanças, constroem novas formas de sentir, pensar e agir. A dialética é um instrumento teórico para explicar como as sociedades se desenvolvem e para compreendermos fenômenos de avanços e retrocessos. No livro *A sagrada família* (1844) vocês encontram uma defesa e uma possibilidade de uso dessa lógica. Associada à relevância da base material (comentada acima) e à observação das transformações sociais, a dialética se torna uma lente teórica fundante do pensamento marxista. Ela nos possibilita a compreensão de que os novos processos contêm resquícios das formas antigas de viver. O que se instaura como novo, contudo, não é apenas a adição de inovação, mas o resultado do conflito de forças arcaicas e outras inauditas.

O último argumento para os usos de Marx e Engels no Ensino de História diz respeito à tese de que “os filósofos se restringiram a conhecer o mundo, cabe-nos transformá-lo”. Esse princípio está publicado no livro *A ideologia alemã* (1846), que discute os modos de construir e as razões para a construção do conhecimento científico. O que estava em pauta era conhecer para atuar. Segundo Marx e Engels, o conhecimento não possuía fim em si mesmo. O conhecimento deveria prover informações, reflexões e estratégias de ação direcionadas à mudança da sociedade.

Em um país como o nosso onde a escolarização e o acesso à informação sempre foi motivo de distinção social e o conhecimento se transformou em instrumento de diferenciação de classe, reiterar, com Marx e Engels, que o conhecimento serve para a atuação transformadora do/no mundo é mais um motivo para que não nos deixemos levar por estereótipos e tenhamos coragem de estudar os princípios do que conhecemos como marxismo. Como consequência desse princípio, reconhecemos a contribuição de Marx e Engels com a denúncia de que as elites dominantes de cada época formulam uma forma de representar a sociedade, creditando-a como única forma válida. Nossos filósofos explicitam, desse modo, o papel ideológico das visões de mundo, a pluralidade das formas de conhecer e suas respectivas vinculações às condições de

classe. Nenhum saber é desprovido de intenção. No caso da escrita da História, as formas de olhar para o passado são também projetos de futuro.

## Conclusões

Para os nossos objetivos neste texto, é fácil constatar que as respostas fornecidas por filósofos, historiadores e pelo sociólogo aos significados de processo histórico e ao estatuto epistemológico da história em Marx e Engels são diferentes e até divergentes. A diferença, na maioria dos casos, não significa “erro de interpretação” ou “deliberada má fé.” As diferenças são explicáveis pela formação do comentador, em geral versado em História, Filosofia, Sociologia ou Economia. São explicadas pelas ideias que esses profissionais fazem dos conceitos e da relação entre os conceitos de história-processo e de história-conhecimento.

Outra variável que gera diferenças é a situação comunicativa que envolve a publicação dos comentários. Autores atendem a interesses do editor, escrevem para determinado perfil de leitor ou para atender certa demanda social imediata. Comentadores também geram interpretações diferentes e até divergentes quando partem de fontes diferentes. Alguns usam publicações russas, outros inglesas ou francesas. Uns traduziram Marx e Engels a partir de textos publicados na primeira metade do século XX. Outros examinaram edições críticas do início do século XXI.

Uma variável não menos importante é o caráter mutante e inconcluso de uma teoria da história em Marx e Engels e a sua modificação e aplicação por outros autores engajados nas lutas proletárias. Com isso, afirmamos ser absurda a atitude de sacralizar ou de condenar conceitos, proposições, hipóteses e modelos mediadores de compreensão do passado longínquo ou do tempo presente, inclusive os de Marx e Engels.

Uma atitude sensata é problematizar a realidade a partir do que a realidade nos oferece, empregando algumas categorias e hipóteses da teoria de Marx e Engels. Nesse

caso, a teoria é um regulador da análise. A teoria não pode substituir as fontes que fundamentam o estabelecimento dos fatos. Não, pode por si só, antecipar a nova tese. Como consequência desse raciocínio, reiteramos algumas proposições formuladas por Max e Engels que são potencialmente úteis ao Ensino de História. Ao considerarmos em nossas práticas o exame da base material de existência, a observação dos fenômenos em sua historicidade/contexto, a formação de alunos protagonistas e transformadores e a compreensão das mudanças de modo dialético estaremos, certamente, nos tornando profissionais minimamente comprometidos com uma visão de mundo classista e um ensino de História socialmente transformador.

---

## Referências

---

- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História II. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo**. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. O materialismo histórico. In: **Teoria da História III. Os paradigmas revolucionários**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.15-154.
- BENTIVOGLIO, Júlio; LOPES, Marcos Antônio (org.). **A constituição da história como ciência: De Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FERNANDES, Florestan. Introdução. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Marx e Engels, História**. São Paulo: Ática, 1989. p.9-143.
- FONTANA, Josep. Marx e o "Materialismo Histórico". In: **A história dos homens**. Bragança Paulista: Edusc, 2004. p.119-219. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando Da Costa.
- FULBROOK, Mary. **Historical theory**. London: Routledge, 2002.
- GRABRIEL, Mary. **Amor & capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GARDNER, Patrick. Marx (1818-1883). In: **Teorias da História**. 6ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p.153-155.

- HOBBSAWM, Eric J. O que os historiadores devem a Marx? In: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Tradução de Cid Knipel Moreira. P.155-170.
- HUNT, Tristram. **Comunista de casaca**. A vida revolucionária de Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- KONDER, Leandro. A história em Marx. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História: O longo caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. p.173-189.
- MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **A história pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes; CASTRO, Ramón Peña. Karl Marx (1818-1883). In: PARADA, Maurício (org.). **Os historiadores clássicos da história**. V.2. De Tocqueville a Thompson. Rio de Janeiro: Editora da PUCRIO; Petrópolis: Vozes, 2013. p.113-137.
- VOVELLE, Michel. Karl Marx. In: SALES, Véronique (org.). **Os historiadores**. São Paulo: Unesp, 2011. p.45-63.

---

**O autor****Itamar Freitas**

Universidade Federal de Sergipe

Recebido em 11/2022 • Aprovado em 12/2022 • Publicado em 02/2023